

A TRANSEXUALIDADE EM *EL LUGAR SIN LÍMITES*, DE JOSÉ DANOSO

Melissa Salinas Ruiz (UNIOESTE-CAPES)

RESUMO

A partir do final do século XX e início do século XXI, observa-se o aumento no interesse acadêmico a respeito da transexualidade (Miskolci, 2007). Isto se relaciona à produção de teóricos como Butler (2004) e Preciado (2014) e à atuação militante de transindivíduos, os quais se organizam coletivamente para pleitear direitos. Em sociedades tais quais a brasileira, por exemplo, sujeitos trans sofrem segregação, tendo difícil acesso a direitos básicos, tais quais saúde e educação (Moraes, 2016). A literatura, devido a seu vínculo com o real, possibilita um entendimento mais holístico da realidade e, graças ao elevado teor subjetivo do texto literário, pode-se, por meio dele, tratar de maneira sensível e humanizada de temáticas relevantes para a sociedade. Desse modo, esta proposta discute a transexualidade a partir de *El lugar sin límites* (1984) de José Donoso, pois acredita ser possível ler a personagem Manuela como mulher transexual. Considera-se que, além do potencial socialmente crítico da narrativa, analisar a maneira em que a transexualidade é retratada contribui a uma melhor compreensão da obra literária. Portanto, recorre-se a Bagagli (2018), Butler (2004) para dissertar sobre sistema de gênero e transgressão. A seguir, apresenta-se a obra *El lugar sin límites*, a medida em que se defende a relação da literatura com a realidade social, amparando-se em Perroné-Moisés (2006) e Candido (2004; 2006). Por fim, com base em Lanz (2014) e Pelúcio (2007) relaciona-se a transexualidade de Manuela às violências que ocorrem durante a narrativa, demonstrando como o literário se vincula ao real, uma vez que transexuais brasileiras também enfrentam a violência em seus cotidianos.

PALAVRAS-CHAVE: Transexualidade; Violência; Transfobia; Literatura.

ABSTRACT

From the end of the 20th century and the beginning of the 21st century, there was an increase in academic interest in transsexuality (Miskolci, 2007). This is related to the production of theorists such as Butler (2004) and Preciado (2014) and to the militant role of transindividual. In societies such as the Brazilian, for example, trans subjects suffer segregation, having difficult access to basic rights (Moraes, 2016). Literature, due to its link with reality, allows a more holistic understanding of reality and, thanks to the high subjective content of the literary text, it is possible, through it, to deal in a sensitive and humanized way with themes relevant to society. In this way, this proposal discusses transsexuality from José Donoso's *El lugar sin límites* (1984), defending that it is possible to read the character Manuela as a trans woman. It is considered that, in addition to the socially critical potential of the narrative, analyzing the way in which transsexuality is portrayed contributes to a better understanding of the literary work. Therefore, Bagagli (2018), Butler (2004) are used to talk about gender and transgression. Next, the work *El lugar sin límites* is presented, and the relationship between literature and social reality is explained, based on Perroné-Moisés (2006) and Candido (2004; 2006). Finally, based on Lanz (2014) and Pelúcio (2007), Manuela's transsexuality is related to the violence that occurs during the narrative, demonstrating how the literary is linked to the real, since Brazilian transsexuals also face violence in their everyday life.

KEYWORDS: Transsexuality; Violence; Transphobia; Literature.

INTRODUÇÃO

Para Bento (2008, p.12), transexual é quem vivencia o gênero de maneira distinta à prescrita pela norma cisgênero vigente na sociedade ocidental contemporânea, isto é, “pessoas que reivindicam o pertencimento a um gênero distinto daquele que lhe foi imposto”. Segundo Butler (2004), embora seja possível viver às margens da cisnorma, essa transgressão não se faz “impune”, não raro segregando quem ousar se desviar das expectativas sociais de gênero.

Em *El lugar sin límites* (1984), do chileno José Donoso, tem-se exemplo do modo em que experienciar um gênero considerado dissidente pode gerar diversos tipos de violência. A personagem Manuela, embora não classifique sua identidade de gênero em nenhum momento da narrativa, apresenta uma performance de gênero que permite lê-la como trans. A partir dessa constatação, os sucessivos atos violentos aos quais é submetida no decorrer da narrativa podem ser analisados enquanto frutos de uma sociedade que rejeita tudo aquilo que foge às expectativas binárias de gênero.

Tendo em vista o potencial crítico da literatura, analisar a presença do trans em *El lugar sin límites* possibilita expandir o debate social a respeito das transidentidades, a medida em que contribui para um melhor entendimento da obra literária. Em razão do exposto, esta proposta possui o objetivo de discutir as manifestações trans presentes no texto literário. Assim, inicia dissertando sobre gênero, cisnormatividade e transgeneridade com base em Butler (2004), Bonassi (2017) e Bagagli (2018). A seguir, apresenta brevemente o enredo de *El lugar sin límites*, comenta a relação entre literatura e sociedade a partir de Candido (2004; 2006) Proença Filho (1990) e Perroné-Moisés (2006) e destaca a importância de considerar as expressões cis diversas dentro da literatura. Finalmente, comenta os aspectos de transexualidade presentes na narrativa, relacionando-os aos episódios de violência sofridos pela personagem Manuela e expondo as similitudes entre os atos transfóbicos ficcionais e os reais.

EXPECTATIVAS DE GÊNERO E DISSIDÊNCIA

A respeito da distinção entre gênero, sexo e sexualidade, Moraes aponta que:

O sexo nos é nomeado antes de nosso nascimento. Seja por aparelhos de ultrassonografia, ou “achismos” de um membro mais velho da família, os sujeitos já recebem um sexo masculino ou feminino desde antes do parto. Desde então se cria um projeto da história que esse corpo deverá seguir (...) O gênero pode ser entendido como um composto de traços e performatividades que moldam os corpos para que se eduquem da maneira correspondente ao sexo para o qual foram designados ao nascer. A masculinidade e feminilidade entram em foco, não apenas quando representados em corpos, mas também como conceitos sociopolíticos (MORAES, 2016, p.27-28)

Butler (2004) ressalta o caráter performativo do gênero, afirmando que é pela repetição das performances que a sociedade classifica condutas desejáveis, enquanto segrega outras. A performance, sendo assim, seria a atuação individual do sujeito que, por estar inserido em uma sociedade que valoriza certas expressões sexuais e de gênero, acaba sendo influenciado a reforçar esse padrão.

Na sociedade ocidental contemporânea são hegemônicos os corpos cisgênero – que se identificam com o gênero socialmente designado no momento do nascimento (BAGAGLI, 2018) – e as manifestações sexuais heterossexuais, conseqüentemente se excluindo as corporalidades que subvertem essas binariedades. Dessa forma, é negado o acesso de pessoas transexuais a círculos sociais considerados de prestígio, uma vez que suas identidades são comumente associadas ao periférico.

Ao explanar sobre as sexualidades socialmente consideradas saudáveis, Rubin (2012) expõe a existência de “castas”, pelas quais as condutas são classificadas de acordo ao grau de reprovação social. Nesse sistema, a transexualidade se encontra entre as manifestações sexuais mais repudiadas, o qual demonstra a dificuldade em compreendê-la enquanto identidade de gênero.

Observa-se que identidade de gênero e orientação sexual são erroneamente tratadas como equivalentes, aspecto que está presente em *El lugar sin límites*, conforme será demonstrado. Essa resistência às identidades cis divergentes demonstra que, no sistema cisgênero, vigora a crença na “naturalidade” das corporalidades cis pois, consoante Moraes (2016, p.27-28), não existe “no leque de possibilidades pré-pensadas para o corpo, as identidades trans” ignorando-se a existência de identidades

transgêneras. O próprio termo “cisgênero” é de criação recente e muito menos utilizado do que seu contraponto, conforme indica Bagagli:

São raras as menções ao termo “cisgênero” em textos oficiais, como leis ou resoluções, trabalhos e artigos acadêmicos e mesmo em dicionários e em publicações referentes aos estudos de gênero. “Raras” para não dizer completamente inexistentes, apesar do crescente uso da palavra em espaços da internet, em especial em blogs feministas e militantes. A baixa utilização ou visibilidade do termo fora destes espaços, como em discursos oficiais/acadêmicos destoa em relação ao uso dos termos “transgênero”, “travesti” e “transexual”, sendo estes muito mais correntes, seja no uso acadêmico ou corriqueiro (BAGAGLI, 2018, p. 14).

A recorrência dos termos transgênero, travesti e transexual se relaciona à forte influência das ciências psis na construção do dispositivo da transexualidade, isto é, na percepção da transexualidade como vivência unívoca, apta a ser diagnosticada e “curada” (BENTO, 2014). Embora os primeiros estudos sobre o tema tenham buscado, com sua patologização, descriminalizá-la, essa classificação contribuiu para retirar a autonomia de transindivíduos sobre seus corpos, uma vez que devem se submeter a rígidos protocolos para poder acessar cirurgias e demais intervenções corporais (ROCON; RODRIGUES; SODRÉ, 2016).

Ademais, a patologização reforça a percepção social de que trans são abjetos, o qual leva à construção de um imaginário social da transexualidade estereotipado e que influi na grande incidência de transfobia que existe na sociedade brasileira. Descrita por Lanz (2014, p. 333) como “medo, repulsa e/ou aversão a quaisquer expressões de gênero fora do binômio masculino-feminino”, a transfobia é responsável por mortes violentas, expulsão informal do sistema educacional (BENTO, 2014), precário acesso ao mercado de trabalho (OLIVEIRA, 2015) e à saúde (PELÚCIO, 2007).

Moraes (2016) complementa:

Mais do que impedir que pessoas trans* entrem em contato com o corpo social hegemônico, diversas barreiras são impostas para que o corpo social hegemônico tenha acesso às subjetividades trans*. O desconhecido se mantém assim sem contato,

e sem estudo, tornando a ignorância quanto a seus direitos e identidades um dado a priori (MORAES, 2016, p. 15-16).

De acordo a Bonassi (2017), três são os principais discursos responsáveis pela manutenção da cisnormatividade na sociedade. São eles oriundos da Bíblia judaico-cristã, dos manuais das ciências psis e dos textos legislativos e jurídicos. Em sua percepção, eles agem recorrendo a técnicas que geram:

1) pela religião judaico-cristã a produção da culpa, do medo de punição, do mito do amor cisgênero e heterossexual como a única possibilidade de união válida e a confissão de si; 2) pela biomedicina, psiquiatria e outros saberes psi, a verificação anatômica a partir de uma racionalidade binária, a classificação em um sexo binário e cisgênero, a produção da anatomia binária e cisgênera quando essa não está presente ao nascimento, a codificação da sexualidade normal pelos manuais diagnósticos estatísticos e a patologização como transtorno mental severo das pessoas não cisgêneras; e 3) pelo direito brasileiro, a regulamentação via lei nacional da obrigatoriedade de registro de um sexo, a premissa de imutabilidade do prenome que supõe a estabilidade no tempo do sexo que foi registrado, a omissão nos textos legais de sexos não binários e a cisgeneridade assumida pela lei ao regulamentar ações de órgãos públicos (BONASSI, 2017, p. 97).

Essas formações discursivas contribuem para a ilusão de estabilidade no sistema de gêneros, a qual é responsável pela resistência social – a qual, muitas vezes, manifesta-se de maneira violenta – aos gêneros dissidentes. A esse despeito, as identidades trans produzem fissuras nesse sistema, cada vez mais possibilitando o surgimento de um imaginário social que não considera aceitável renegar corpos trans à marginalidade.

Tendo em vista a necessidade social por cultura (CANDIDO, 2004) e, em decorrência, a importância de analisar suas manifestações artísticas para uma melhor compreensão social (GEERTZ, 2008), observar as representações de gêneros dissidentes no texto literário permite conhecer as subjetividades associadas às vidas trans e de que modo a sociedade cisnormativa a recebe. Portanto,

o seguinte tópico aprofunda a discussão sobre o vínculo entre obra literária e realidade social e introduz o enredo de *El lugar sin límites*, apresentando seu autor e a personagem Manuela.

LUGARES FICCIONAIS E LUGARES REAIS: *EL LUGAR SIN LÍMITES* E A RELAÇÃO DA LITERATURA COM O REAL

Do chileno José Donoso, a obra *El lugar sin límites* foi publicada no ano de 1966 e se inspira na zona rural chilena, especificamente na região de Talca. Em sua narrativa, o autor apresenta a precária realidade da estação El Olivo e sua população, marcada pela desigualdade social e, conforme se observará, pelo preconceito. Considerando que esta proposta dá ênfase às questões de gênero, outros aspectos relevantes da narrativa não serão abordados. Entretanto, acredita-se que o texto de Donoso (1984) pode suscitar análises relevantes a respeito de distintos temas.

Fala-se em inspiração para descrever a relação entre o ambiente da narrativa e a região chilena de Talca, pois o aspecto de literariedade da obra impossibilita afirmar que faz um retrato fiel do local. A bem verdade, pode-se questionar a própria possibilidade de retratar fielmente a realidade pela linguagem, já que, por mais descritivo e analítico que o texto se proponha a ser, parte de um processo de seleção e elaboração permeado pela subjetividade de seu autor. O texto literário, entretanto, não busca mitigar essa subjetividade, incorporando-a ao se assumir lúdico, entremeado por elementos estilísticos que lhe conferem plurissignificância. Nesse âmbito, o autor detém controle apenas sobre o sentido intencional na obra, não sobre o sentido manifesto (JOUVE, 2012).

Contudo, essa literariedade não anula o vínculo entre o real e o ficcional, o qual permite recorrer à literatura para fazer uma leitura crítica da realidade social (CANDIDO, 2006). Perroné-Moisés (2006, p.102) atribui à subjetividade da linguagem literária o seu potencial crítico, pois é por meio dos recursos linguísticos e estilísticos utilizados que se torna possível ao texto desvendar “um mundo mais real do que aquele que pretendia dizer”. No mesmo sentido, Geertz (2008) considera que, pelo estudo da cultura e suas manifestações, torna-se possível compreender as teias de significado existentes na sociedade.

Proença Filho (1990) destaca que, para ser considerada atual, uma obra deve ser polissêmica e universal. Interpreta-se que o texto de José Donoso (1984) atende a esses requisitos, já que aborda “questões relacionadas fundamentalmente com a questão humana” (PROENÇA FILHO, 1990, p.23), ou seja, aspectos que, por serem inerentes à condição humana, mantêm-se pertinentes ao longo do tempo. Ainda, segundo o autor, o fato da narrativa ser ambientada em uma localidade real confere verossimilhança.

Consequentemente, identificam-se no enredo de *El lugar sin límites* temas com potencial universal, a exemplo da pobreza, a busca por melhores condições de vida, política, relações familiares, prostituição, entre outros. Narrada em terceira pessoa, o fio condutor da obra é a trajetória de Manuela, razão pela qual se considera que é a personagem principal. Assim, o leitor acompanha, no decorrer da trama, a relação desta com sua filha, Japonesita, fruto de uma relação sexual com a personagem Japonesa Grande, motivada por uma aposta realizada com o político *don* Alejandro Cruz. Também se observa o angustiante sentimento de Manuela em relação a Pancho Vega, homem com quem se envolve sentimentalmente, mas que se recusa a aceitar o que sente por ela. Prostituta e

proprietária do bordel no qual trabalha, graças à aposta ganha junto a Japonesa Grande, pode-se ler a personagem Manuela como transexual – ou travesti, pois em ambas há a identificação com o gênero feminino – uma vez que performa feminilidade e se recusa a aceitar o tratamento masculino, embora os demais personagens não a respeitem e insistam em chamá-la de *maricón*. Em adição, o desconforto que gera nos demais devido a sua identidade de gênero – percebido nos inúmeros momentos da narrativa nos quais é xingada de *maricón*, por exemplo – relaciona-se diretamente ao desfecho violento da narrativa, pelo qual se acredita pertinente realizar uma análise da obra com ênfase no gênero da personagem.

A reflexão sobre transexualidade no texto de José Donoso (1984) permite, além de expandir a discussão a respeito de transvivências e transfobia, o qual se faz particularmente relevante para a sociedade brasileira, evidenciar a presença de sexualidades dissidentes dentro da literatura. O canône literário, a semelhança da sociedade na qual – e a partir da qual – é produzido, carrega em si discursos que reproduzem os preconceitos daquela sociedade, invisibilizando a pluralidade. Por essa razão, acaba

por “reproduzir o discurso elitista, racista e machista, muitas vezes dando a entender que isso seria ‘crítica social’” (MOIRA; CARVALHO; GUIMARÃES, 2018, p. 165-166).

A invisibilidade de pessoas trans, nota-se, estende-se ao âmbito literário, uma vez que são praticamente inexistentes as narrativas cujos personagens se distanciem das expectativas sociais binárias e heterocentradas. O heterocentrismo, conforme aponta Jesus (2013), diz respeito às crenças, atitudes e discursos que levam à exclusão das manifestações sexuais e de gênero divergentes, o qual ocorre também em âmbito literário. O exposto leva ao esvaziamento de referencial simbólico cis diverso na literatura, o qual leva a construção de um imaginário da transexualidade a partir de discursos de caráter cisnormativo e que, portanto, não reconhecem as identidades trans.

Levando em consideração a impossibilidade de uma sociedade sem cultura (ORTIZ, 2008), entende-se o caráter mutuamente benéfico de um cânone literário diverso, o qual repercute de maneira positiva na realidade social e no sistema literário. Dessa maneira, o tópico a seguir dá ênfase à personagem Manuela enquanto pessoa trans, dissertando a respeito das formas em que vivencia seu gênero e expondo como o fato de ser trans se vincula às agressões sofridas pela personagem no decorrer da obra, culminando em seu trágico desfecho.

TRANSEXUALIDADE E TRANSGRESSÃO: A PERSONAGEM MANUELA

Embora não haja menção à “transexualidade” ao longo da narrativa, inúmeros aspectos da personagem Manuela dão a conhecer que ela vivencia um gênero considerado “dissidente”. Opta-se, nesta proposta, pelo termo “transexual” como guarda-chuva, por meio do qual se destaca que a performance é cis divergente. Entretanto, não se pretende negar outras denominações possíveis, tampouco outras manifestações cis diversas. Segundo Colling (2013), a compreensão da identidade de gênero não deve ser centrada em essencialismos, mas na ciência das, conforme assevera Stryker (2017), múltiplas possibilidades de atravessar a cisnorma.

Nesse entendimento, a autoidentificação da personagem com um gênero feminino, mesmo tendo sido socialmente designada como homem ao nascer, evidencia seu caráter dissidente e transgressor, desestabilizando as normas de gênero. A opção por trajes femininos, pelo nome

“Manuela” e a recusa em aceitar ser chamada de “pai” demonstram que, apesar da ausência de um debate exposto sobre gênero e transvivências na obra, a personagem está disposta a existir de acordo à percepção que tem de seu gênero. Leia-se o seguinte trecho da obra:

Porque cuando la Japonesa le decía papá, su vestido de española tendido encima del lavatorio se ponía más viejo, la percala gastada, el rojo desteñido, los zurcidos a la vista, horrible, ineficaz, y la noche oscura y fría y larga extendiéndose por las viñas, apretando y venciendo esta chispita que había sido posible fabricar en el despoblado, no me digái papá, chiquilla huevona. Dime Manuela, como todos (DONOSO, 1984, p.26).

A narrativa não-linear possibilita ao leitor acompanhar Manuela na velhice e juventude, dessa maneira conhecendo de que modo a violência se fez presente ao longo de toda sua vida. A aparente passividade com que a personagem aceita os atos violentos praticados contra ela demonstra a recorrência das agressões, bem como a pressão da sociedade cisnormativa, na qual comumente se culpabiliza a vítima por agressões de viés machista ou transfóbico.

Quanto a isso, Bento (2017) pontua que transindivíduos do gênero feminino estão mais sujeitos à transfobia, dado que o caráter patriarcal de sociedades semelhantes à brasileira opera de acordo a hierarquias de gênero, nas quais cabe ao masculino as posições de destaque. Nesse sentido, a “crença de que homens, como representantes do sexo masculino, são o padrão ‘normal’ da sociedade, o que incorre na suposição de que mulheres, como pessoas do sexo feminino, seriam inferiores e subordinadas aos homens” (JESUS, 2013, p. 365) denomina-se sexocentrismo ou sexismo, cuja crítica se vincula aos discursos que repudiam a noção de que o genital determina a identidade de gênero.

Manuela, quem renunciou ao “prestígio” do gênero masculino, sofre na pele a reprovação social. Além da violência física, recorrente é a violência simbólica, o qual se faz notório pela frequência com que é tratada pelo pronome masculino. Benevides e Nogueira (2020) defendem que é violência a falta de respeito à identidade de gênero de pessoas trans, a qual se manifesta pela recusa em utilizar o nome ou pronome correto para tratá-las. Portanto, mesmo personagens que possuem uma boa relação

com Manuela – a exemplo de sua filha, Japonesita – adotam práticas transfóbicas ao utilizar termos socialmente considerados masculinos, tal qual a palavra “pai”. Mesmo sendo enfática a respeito de seu desagrado com a denominação, a personagem Japonesita insiste em tratá-la desse modo, o qual indica a recusa em aceitar que Manuela é alguém do gênero feminino.

A frequência com que pessoas trans lidam com atitudes transfóbicas em seu convívio cotidiano é destacada por Moraes quando expõe o relato da professora Aline¹ a respeito do tempo em que conviveu com um aluno trans:

Aline: É... o primeiro contato que eu tive com o (Nome de Registro²⁸), o menino, ele entrou na sala e entrou junto com os outros colegas e os colegas...na ocasião, a escola estava dando um papelzinho com nome, ou talvez tivesse dado depois, eu não me lembro por quê, mas tava dando um papelzinho e meu deu um papelzinho escrito (Nome de Registro), mas ‘olha não me chama de (Nome de Registro)’ e eu não entendi nada porque era um menino. Eu não visualizei no primeiro momento que (Nome de Registro) fosse menina, não visualizei. Aí não entendi muito bem, achei até engraçado. Tranquilo né? Aí depois é que os meninos vieram me contando... e tal. Ai eu fui puxando assunto com ela também, aí também, ela pediu também para ser chamada de (Nome de Registro), perdão, de (Nome Social), e eu não vi problema nenhum em chamar todo dia o nomezinho dela de (Nome Social), é...certa vez eu comecei a puxar um assunto né eu não sabia ela tinha o nome de (Nome de Registro) 29 escrito né e ela veio me contar que era um nome de uma namorada, ela não assumia, assim né, ser a (Nome de Registro) e isso, né? Ficava Lá no final da sala, assistia aula...é...a aparência realmente muito de menino...falava assim...falava que era mais independente... fumava...né... tinha toda uma...não demorou muito saiu da nossa escola, né. Não ficou muito tempo, mas era um menino. Eu não tinha, EU não nem condições de chamar de (Nome de Registro) (MORAES, 2016, p.84-85).

¹ Nome fictício designado por Moraes à entrevistada (2016).

A fala da professora evidencia o conflito entre a aceitação do gênero do aluno e a clara dificuldade em tratá-lo com o pronome devido. Embora, no relato da docente, não haja qualquer indício consciente de reprovação ao gênero do aluno, a persistência em tratá-lo no feminino, tanto quanto a menção a seu nome de registro, demonstram a falta de conhecimento a respeito do quão lesivas são essas atitudes para os transindivíduos. A oscilação entre os pronomes feminino e masculino são reflexo de uma sociedade não habituada à pluralidade de gênero, posto que concebe apenas a cisgeneridade enquanto natural.

Recorrente na realidade de sujeitos trans, também se fazendo presente na narrativa literária, é a frequência com que orientação sexual e identidade de gênero são tratados como sinônimos. A expressão *maricón* é uma denominação pejorativa atribuída ao homossexual masculino nos países falantes da língua espanhola e é constantemente utilizada pelos personagens de *El lugar sin límites* para se referir a Manuela.

Além de *maricón*, outra expressão recorrente no texto de Donoso (1984) é “travesti”. Porém, devido à forte carga pejorativa com a qual é utilizada, considera-se que os personagens lhe atribuem um caráter pejorativo, insultuoso, e não identitário. Cabral (2012) relaciona o uso do termo “travesti” aos ambientes menos politizados e com menor consciência crítica sobre questões de gênero, a semelhança do ambiente em que se passa a narrativa. Ainda, a autora destaca que o acesso aos discursos críticos à cisnormatividade cumprem um importante papel na autoidentificação de pessoas trans. Dessa forma, pela precariedade da realidade de Manuela, esta não tem acesso aos saberes que lhe permitirão uma melhor compreensão da origem transfóbica dos comportamentos violentos que lhe são dirigidos.

Contudo, Lanz (2018) salienta que não deve ser cobrada uma atuação militante de pessoas trans, visto que suas existências não se propõem a ser transgressoras. Portanto, a ausência de conhecimento a respeito das questões de gênero não invalidaria a identidade de Manuela.

Nota-se que as agressões de cunho transfóbico são frequentes na narrativa. O desfecho da obra, dessa maneira, embora brutal e trágico, não se faz surpreendente quando se constata a relação entre segregação, violência e transexualidade. Inconformado pelo sentimento que possui por Manuela, Pancho Vega a assassina de maneira brutal. Mesmo com a ciência de que poderia ser vítima de violência por parte dele, Manuela não consegue escapar de seus alçozes. É espancada e morta, destino

extremamente similar ao de muitas transmulheres que vivem no Brasil (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020).

A universalidade do texto literário (PROENÇA FILHO, 1990) e o caráter latino-americano de *El lugar sin límites* tornam possível partir dele para problematizar a questão das vidas trans na sociedade brasileira. Considerado o país que mais mata transexuais (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020) pode-se afirmar que, no Brasil, a morte de “Manuelas” se faz tão banal quanto na narrativa. Outra semelhança entre a realidade de transmulheres brasileiras e a personagem diz respeito à prostituição.

Vemos, ainda, que 67% dos assassinatos foram direcionados contra travestis e mulheres transexuais profissionais do sexo, que são as mais expostas à violência direta e vivenciam o estigma que os processos de marginalização impõem as essas profissionais. É exatamente dentro desse cenário em que se encontram a maioria esmagadora das vítimas, tendo sido empurradas para a prostituição compulsoriamente pela falta de oportunidades encontrando-se em alta vulnerabilidade social e expostas aos maiores índices de violência, a toda a sorte de agressões físicas e psicológicas (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020, p. 32)

Observa-se que a prostituição aumenta a vulnerabilidade de transmulheres, sujeitando-as a violências que, não raro, culminam em morte. Esses assassinatos, similarmente ao que ocorre no texto literário, permanecem impunes (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020), o qual reforça o machismo e transfobia da sociedade – uma vez que, afirma Bento (2017) transmulheres são mais vulneráveis que transhomens – assim como construindo um imaginário da transexualidade calcado na violência e no abuso.

Embora o relato de *El lugar sin límites* se encerre sem que a morte de Manuela seja descoberta, faz-se plausível presumir a impunidade de seus malfeitores. Ao concluir a obra apresentando Japonesita sem demonstrar preocupação com a ausência de Manuela, o leitor é testemunha do pouco caso que sentem em relação a ela, um descaso que é sentido ainda mais intensamente ao ser considerado forte vínculo que possui com a realidade de inúmeras transmulheres brasileiras.

CONSIDERAÇÕES

A obra literária, por ser produto cultural de uma sociedade, relaciona-se a ela. Dessa maneira, tornar-se possível observar aspectos dessa sociedade na narrativa, entremeados pela literariedade. É por meio dessa literariedade que o texto adquire caráter polissêmico, permeia-se de subjetividade e abre a possibilidade de discutir aspectos sociais de maneira humanizada.

A partir disto, a opção pela obra *El lugar sin límites* decorre da presença de elementos que, segundo Proença Filho (1990), lhe conferem universalidade. Logo, a escolha por analisar as representações da transexualidade na narrativa se devem à importância do tema dentro e fora da obra, pois o desfecho desta se vincula diretamente à violência classificada como “transfóbica”. Por meio do estudo, portanto, foram expostos os motivos que justificam a afirmação de que a personagem Manuela performa um gênero considerado dissidente e que essa identidade de gênero se relaciona diretamente a inúmeras passagens violentas da narrativa.

Nesse sentido, o uso do pronome masculino ao tratá-la, sua associação à promiscuidade, a recorrente confusão entre orientação sexual e gênero, os xingamentos, a recusa à afetividade e, por fim, sua agressão e morte, foram alguns dos aspectos transfóbicos identificados. Acredita-se que ter consciência da motivação transfóbica desses atos violentos suscita uma melhor compreensão do texto literário e de seu desfecho, concomitantemente possibilitando a reflexão a respeito da realidade social. Portanto, a transfobia retratada na obra estimula a crítica em relação aos comportamentos transfóbicos da sociedade brasileira, na qual são recorrentes os relatos de mortes violentas de transexuais, a semelhança do ocorrido com Manuela.

Adicionalmente, ao realizar uma análise com ênfase na construção do gênero de uma personagem trans, a presente proposta diversifica os estudos literários, os quais são criticados por reproduzirem, em seu cânone, as mesmas hierarquias de poder que se verificam na sociedade.

Desse modo, o presente estudo relacionou a vivência da personagem Manuela à realidade de muitas transmulheres brasileiras, pois considera que, à semelhança do que ocorre no universo ficcional, mulheres transexuais estão sujeitas à violência cotidianamente. Por meio dos aspectos destacados e dos

dados apresentados, pretendeu destacar a gravidade da transfobia e a possibilidade de utilizar o texto literário para empreender um debate crítico, porém humanizado. Conclui-se que, a partir deste estudo, pode ser ampliado o debate referente às identidades trans, tanto em âmbito social quanto literário.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. **“Cisgênero” nos discursos feministas: uma palavra “tão defendida, tão atacada; tão pouco entendida”**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/334561/1/Bagagli_BeatrizPagliarini_M.pdf>. Acesso em 13 de jul. de 2020.

BONASSI, Brune Camillo. **Cisnorma: acordos societários sobre sexo binário e gênero**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/182706/349130.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 13 de jul. de 2020.

CABRAL, Julieta Vartabedian. **Geografía travesti: Cuerpos, sexualidad y migraciones de travestis brasileñas (Rio de Janeiro – Barcelona)**. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social e Cultural) – Universidad de Barcelona, Barcelona, 2012. Disponível em: <<http://diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/35232>>. Acesso em 02 de set. de 2020.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

COLLING, Leandro. A igualdade não faz o meu gênero – Em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 3, n. 2, p. 405-427, 2013. Disponível em <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/149/85> > Acesso em 27 de mai. de 2020.

DONOSO, José. **El lugar sin límites**. Editorial Bruquera, 1984.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

JESUS, Jaqueline Gomes de. O conceito de Heterocentrismo: um conjunto de crenças enviesadas e sua permanência. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 18, n. 3, p. 363-372, set/dez. 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/28931/1/a03v18n3.pdf>>. Acesso em 09 de ago. de 2020.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar Literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/31059/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Preconceito%20e%20discrimina%C3%A7%C3%A3o%20social.pdf> Acesso em 20 de jun. de 2019.

MISKOLCI, Richard. A teoria Queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização. **Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil**. Campinas, SP: UNICAMP, 2007. p. 1-19. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf> Acesso em 30 de mar. de 2019.

MOIRA, Amara; CARVALHO, P. A. C; GUIMARÃES, F. F. Desvelando as fissuras de sua militância. **GrauZero – Revista de Crítica Cultural**, v. 6, n. 1, p. 163-169, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/4810/3042>>. Acesso em 02 de set. de 2020.

MORAES, Cristiano da Silva Brasil de. **Transexual, Transversal, Transgressão: o que dizem docentes sobre pessoas trans* na escola**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://ppge.fe.ufrj.br/disserta%C3%A7%C3%B5es2016/dCristianoBrasil.pdf>. Acesso em 03 de set. de 2020.

OLIVEIRA, Maria Isabel Zanzotti de. **Nas margens do corpo, da cidade e do Estado: Educação, saúde e violência contra travestis**. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200402&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 15 de jun. de 2019.

ORTIZ, Renato. Cultura e desenvolvimento. **Políticas Culturais em Revista**, Campinas, v. 1, n. 1, p.122-128, 2008.

PELÚCIO, Larissa. **Nos nervos, na pele, na carne: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS**. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/argu/v19n52/v19n52a5.pdf>>. Acesso em 16 de jun. de 2019.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **A criação do texto literário**. In: Flores na escrivantina. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PROENÇA FILHO, Domicio. A atualidade da ficção do brasileiro Machado de Assis. **Rassegna Iberistica**, n. 37, p. 23-29, maio. 1990. Disponível em: <<http://157.138.8.12/jspui/bitstream/11707/6200/1/37.2%20filho%20-%20atualidade%20da%20ficcao.pdf>>. Acesso em 05 de jun, de 2020.

ROCON, Pablo Cardozo; RODRIGUES, Alexandre; SODRÉ, Francis. Regulamentação da vida no processo transexualizador brasileiro: uma análise sobre a política pública. **Revista Katál**, Florianópolis, SC, v. 19, n. 2, p. 260-269, jul./set., 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/download/1414-49802016.00200011/33082>>. Acesso em 15 de jun. de 2019.

RUBIN, Gayle. **Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política e da sexualidade.** In: Repositório Institucional UFSC. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1582> > Acesso em 17 de jun. de 2019.

STRYKER, Susan. **Transgender History: the roots of today's revolution.** Second edition. Berkeley: Seal Press, 2017.